RENATO MEIRELLES & CELSO ATHAYDE

UM PAÍS CHAMADO FAVELA

A MAIOR PESQUISA JÁ FEITA SOBRE A FAVELA BRASILEIRA

Gente editora

CAPÍTULO 1

A refavela: onde o Brasil muda primeiro

Quem comanda o processo de mudança no Brasil? Quem lança tendências? Quem aprova ou reprova um programa social, uma linha de eletrodomésticos ou uma nova música? Resposta simples: são os ingressantes no mercado de consumo, de modo especial os 11,7 milhões de habitantes das favelas, grupo que equivale a 6% da população brasileira. Com vigor, eles movem a onda transformadora que varre o país no século XXI. De modo ligeiro, essas pessoas constituem novos padrões de consumo, reinventam atividades econômicas e contribuem decisivamente para definir o perfil cultural do país dos emergentes.

Se compusessem um estado, as favelas seriam o quinto mais populoso da federação, capaz de movimentar 63 bilhões de reais a cada ano. Ainda assim, o universo da favela parece invisível à grande mídia, aos intelectuais e à boa parte dos planejadores de negócios, que ignoram e desprezam seu poder transformador.

Empenhado em decifrar os enigmas que marcam esse fenômeno de metamorfose, o Instituto Data Favela realizou um estudo inédito sobre esse território ainda pouco explorado da cidadania. Os pesquisadores – membros de comunidades, treinados especificamente para executar a tarefa – investigaram 63 favelas em dez

regiões metropolitanas do Brasil e ouviram com método e atenção 2 mil pessoas.

O resultado da *Radiografia das Favelas Brasileiras* pode parecer surpreendente se adotarmos como baliza de conhecimento o estereótipo midiático, em que os moradores de comunidades, de modo invariável, figuram como miseráveis incultos, indolentes e bárbaros. Efetivamente, não foram esses cidadãos que encontramos nas ruas, nas vielas e nos becos percorridos.

Os dados tabulados compõem, na verdade, cenários heterogêneos, ou seja, de favelas que podem se iniciar em um centro de comércio desenvolvido, com caprichadas casas de alvenaria, e terminar, no outro lado do morro, em uma área de risco, de difícil acesso, em que se equilibram humildes barracos de madeira. Vimos, portanto, avanços incríveis e, ao mesmo tempo, graves problemas estruturais. Há diferenças significativas até mesmo no espaço reduzido da vizinhança. Se um cidadão passava dificuldades para sustentar sua família e pagar a prestação do colchão da caçula, do outro lado da parede, o vizinho comia filé-mignon com cogumelos e planejava a aquisição de uma banheira com hidromassagem para tornar o espaço da laje mais amigável.

Uma análise geral dos resultados, porém, exibe uma favela muito menos pobre do que se imaginava, mais conectada e ansiosa por completar processos de inclusão social e econômica. Um observador desavisado ficará admirado, por exemplo, com o fato de que 94% dos

favelados se consideram felizes, índice muito semelhante ao da avaliação geral dos brasileiros, apenas um ponto percentual acima.

Os contentes, em geral, amam o cônjuge, adoram os filhos e folgam com a boa saúde, valorizando a parte cheia do copo. Misturando a garra e o jeitinho, levam a vida e deixam que a vida os leve, seguindo a filosofia do mestre Zeca Pagodinho. Um fator fundamental, porém, justifica esse regozijo: há mais dinheiro circulando, mais do que em qualquer outro momento da história das comunidades.

Em 2013, a média salarial do favelado era de 1.068 reais contra apenas 603 reais, em 2003. Trata-se de um salto notável de 54,7%. No Brasil em geral, a renda pulou de 1.172 reais para 1.616 reais, uma evolução de 37,9%. Conclusão: na favela, o ritmo do avanço é mais acelerado.

O bem-estar recente, portanto, tem relação direta com o processo contínuo de ascensão social e econômica. No cotidiano de lutas e desafios, os moradores das favelas favoreceram-se de mais recheio na carteira e mais comida na geladeira.

Houve elevação da renda em todas as regiões pesquisadas, ainda que prevaleçam disparidades flagrantes, por exemplo, na escala dos rendimentos. A renda média do trabalho principal numa família gaúcha era de 1.158 reais; no Rio, 1.090 reais. Na outra ponta, no Nordeste, o mantenedor “máster” embolsava, em média, 821 reais no Ceará e 762 reais na Bahia.

Na época da pesquisa, no trimestre que fechou 2013, a maior parte dos moradores das favelas já pertencia à classe C, estrato que nesses núcleos praticamente dobrou de tamanho em dez anos. Trata-se de um crescimento extraordinário e que inspira uma reflexão sobre o processo recente de inclusão social massiva no país. A parcela de famílias faveladas na classe média é maior do que a do Brasil como um todo. Isso mesmo: 65% a 54%.

Desmentindo a crença vigente, 81% dos moradores gostam da comunidade em que estão fixados e 66% não estão dispostos a abandoná-la. De maneira plena ou com restrições, 62% admitem ter orgulho do local onde vivem. Se existe esse amor e essa fidelidade ao lugar, a principal razão é o estabelecimento de fortes laços sociais entre os moradores. A favela é, desde sempre, responsável e solidária. Ali, o cidadão tem quase sempre com quem contar. Há alguém que pode lhe emprestar algum dinheiro ou o cartão de crédito na hora do aperto. Há outro que pode tomar conta de seus filhos enquanto ele trabalha. E há sempre aquele que pode ouvir suas confissões, no “divã” improvisado no boteco ou no salão de beleza. Quem recebe, evidentemente, acaba por retribuir. A lei da reciprocidade impera na favela.

Atentos às transformações, 51% dos moradores de favelas consideravam que a comunidade havia melhorado de alguma maneira nos doze meses anteriores à consulta. Para 76%, alguma melhora ocorreria nos doze meses seguintes. Essa percepção encontra-se associada,

principalmente, às mudanças estruturais no território das vivências públicas. Melhorou se agora há coleta pública de lixo. Melhorou se o Estado inaugurou uma nova creche. Melhorou se agora há uma casa lotérica na rua principal.

No campo da vida privada, essa visão depende, sobretudo, do que se vê no horizonte próximo. As coisas parecem bem se a reforma no segundo andar da casa do vizinho progrediu. Se esse mesmo sujeito trocou seu Passat 76 por um Gol seminovo, é sinal de que a comunidade como um todo avança. “Se ele conseguiu, posso conseguir também”, raciocina o cidadão.

Quando indagados sobre a própria vida nos doze meses seguintes, 93% projetaram desenvolvimento e evolução. No Brasil em geral, esse grupo abrangia 81% da população. Nesse caso, os otimistas vislumbram à frente a oportunidade de crescimento, em especial no campo profissional. Em um país com reduzidas taxas de desemprego e demanda por mão de obra especializada nos mais diversos setores, os moradores das favelas enxergam a chance de romper paradigmas. Ao contrário de seus pais, avós e bisavós, experimentaram a ascensão social e sabem que podem ir muito além, especialmente por meio da educação e do empreendedorismo.

Os chefes de família desejam ver os filhos na universidade, mas buscam, eles mesmos, um diploma em curso superior. Gente que sempre viveu de salário cogita, agora, montar uma empresa na comunidade. Pode ser uma pizzaria, um albergue, uma loja de presentes ou

uma oficina de reparos automotivos. Há possibilidades em todos os setores. Formidavelmente, pessoas com até 60 anos, homens e mulheres, veem a vida em aberto. Ainda há jogo pela frente.

No total, 76% das pessoas opinaram que a vida melhorou no período imediatamente anterior à pesquisa. No entanto, poucas atribuem esse avanço às políticas públicas ou aos empregadores. Para 14%, a família é a principal responsável pela evolução. Deus é citado por 40%. Segundo 42%, a ascensão é resultado do próprio esforço.

As formidáveis histórias de vida dessas pessoas podem justificar essa percepção, apenas em parte influenciada por concepções religiosas. Os jovens, em particular, são filhos e netos daqueles cidadãos abandonados e maltratados pelo Estado. Criados a partir dessa memória familiar recente, ainda não enxergam o governo, qualquer que seja, como provedor de bem-estar. Não raro treinados em modelos espartanos de sobrevivência, converteram-se em homens e mulheres particularmente resilientes, que aprendem, enfrentam preconceitos e fazem acontecer. Incentivados à prática de um exercício de futurismo, 75% se veem na classe média em 2023; enquanto 10% esperam conquistar um posto na classe alta. Pode-se validar, assim, pelo menos no que diz respeito à parcela maior dos habitantes de favelas, a tese de que o brasileiro nunca desiste da luta.

O fator juventude, aliás, é fundamental à compreensão do pensamento silenciosamente revolucionário da favela. Nada menos que 26% dos integrantes das comunidades tinham idade inferior a 15 anos na época da pesquisa. No total, 61% não haviam completado 35 anos. Na virada de 2013 para 2014, a média de idade dos brasileiros era de 33,1 anos; na favela, de 29,7 anos.

Outros dados revelam outras características da heterogeneidade desses agrupamentos. Mais de 130 anos depois do surgimento do núcleo pioneiro Quilombo do Jabaquara, em Santos (SP), reduto urbano de desterrados, a favela ainda é lugar de entrantes e forasteiros, particularmente nas regiões Sul e Sudeste. Em São Paulo, 52% dos moradores de comunidades não nasceram no estado. No Rio de Janeiro, essa parcela é de 29%.

Cabe destacar outra informação importante, que é a mobilidade das famílias nessa complexa malha de núcleos habitacionais, muitos deles de existência fugaz. Há favelas que surgem e, pouco tempo depois, são desfeitas ou transferidas para outro terreno, dentro ou fora do município. Foi o que se viu, por exemplo, na cidade de São Paulo, a partir da segunda metade da década de 2000, quando muitas comunidades sucumbiram, total ou parcialmente, ao fogo, em episódios não completamente esclarecidos pelas investigações policiais.

Outro exemplo famoso é o de 9 mil brasileiros que, em 2012, perderam subitamente o endereço, quando a polícia

desocupou, de maneira violenta, a área da tradicional comunidade do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP). O núcleo popular ocupava uma área três vezes maior que a do Vaticano. Contava com associações de moradores, sete igrejas, dezenas de estabelecimentos comerciais e uma grande praça, chamada Zumbi dos Palmares.

Se o cotidiano constitui vidas em trânsito, não é de estranhar que apenas 29% das pessoas tenham nascido na comunidade em que residiam na época da pesquisa. Viver na favela é, sobretudo, construir laços. No entanto, é também tocar a vida para a frente quando seus moradores são abruptamente “quebrados”, seja por motivos particulares seja por inflexões derivadas de decisões no âmbito da gestão pública. Resistem melhor aqueles que sabem se mover na hora certa, que sabem recomeçar em outro lugar.

Uma história de saudáveis impermanências

Corria o mês de maio de 1977, quando o cantor e compositor baiano Gilberto Gil lançou o álbum *Refavela*, título que se repete em sua primeira faixa. A obra se constituía em referência cultural da mudança em curso no mundo e no Brasil. Em janeiro, por exemplo, o democrata Jimmy Carter havia assumido a presidência dos Estados Unidos e iniciara um processo de abertura política nos

países da América Latina controlados por militares. Naquele ano, renasceram esperanças e acendeu-se o longo pavio da sedição. Os estudantes desafiavam o poder constituído e realizavam, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, o III Encontro Nacional dos Estudantes, cujo objetivo maior era reativar a União Nacional dos Estudantes (UNE), então na ilegalidade. Nas portas das fábricas, os operários do ABC Paulista (região formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) iniciavam o processo de reorganização classista que lhes permitiria deflagrar, no ano seguinte, a histórica greve do setor metalúrgico.

Ainda em 1977, Enéas Freire criava, em Recife, o bloco Galo da Madrugada, e Renato Russo, em Brasília, escrevia e gravava sua primeira música pela banda Aborto Elétrico. No Rio de Janeiro, a Beija-Flor de Nilópolis, município da Baixada Fluminense, impunha-se como grande escola, ao conquistar o bicampeonato do carnaval carioca, encantando o país com o enredo *Vovó e o rei da saturnália na corte egipciana*. Em São Paulo, o Corinthians, o clube dos proletários, tornava-se novamente campeão, depois de 22 anos, oito meses e sete dias. Conforme o cântico entoado no estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, era "festa na favela".

Convém recordar alguns trechos da composição de Gil, diante do sopro da mudança.

A refavela

Revela o choque
Entre a favela-inferno e o céu
Baby-blue-rock
Sobre a cabeça
De um povo-chocolate-e-mel

A refavela
Revela o sonho
De minha alma, meu coração
De minha gente
Minha semente
Preta Maria, Zé, João

A refavela, a refavela, ó
Como é tão bela, como é tão bela, ó

A refavela
Alegoria
Elegia, alegria e dor
Rico brinquedo
De samba-enredo
Sobre medo, segredo e amor

(Gilberto Gil, Refavela, WEA, 1977)

Naquele ano de sísmicos movimentos e pesadas incertezas, os moradores da favela do Vidigal, na Zona Sul carioca, decidiram também fazer história. Em dezembro, funcionários da prefeitura pisaram na comunidade com

um firme propósito: iniciar um processo de remoção e abrir espaço para a construção de um hotel de luxo, ainda que a justificativa oficial fosse proteger os cidadãos de deslizamentos de terra. O projeto previa a destruição de 320 barracos na parte baixa do núcleo.

A associação dos moradores, no entanto, reagiu rapidamente e obteve uma ordem judicial para adiar a desocupação da área. Em seguida, granjeou o apoio da Pastoral das Favelas, depois de uma reunião realizada na Paróquia Santa Cruz de Copacabana, na época a cargo do padre Ítalo Coelho. A mobilização guindou à causa juristas de renome, como Sobral Pinto e Bento Rubião. O cantor Ney Matogrosso seguiu a onda e soltou a voz num show destinado a angariar fundos para a associação.

A batalha prosseguiu por meses e os resistentes toparam até mesmo com tanques de guerra nos acessos à comunidade. Somente em 1978, depois de ampla mobilização, no morro e no asfalto, seria publicado o decreto de desapropriação para fins sociais, assinado pelo governador Chagas Freitas, que encerrou a disputa.

O músico Sérgio Ricardo, que residiu no Vidigal nos anos 1970, compôs uma canção inspirada na resistência popular à remoção. Nela, faz referência ao prefeito do Rio na época, Marcos Tamoyo, apelidado pelos moradores de Marco Tramoia, filiado à Arena, partido da Ditadura,

No *Vidigal*
Tem uma turminha de bamba
Que não se assusta com as ameaças do rei
Se vem o mal toda a favela se levanta

Tuas tramoias, já sei...

Não se brinca com o poder
Que poder do povo é bem maior.
(Sérgio Ricardo, Vidigal, RCA, 1976)

Em 1980, o papa João Paulo II faria uma visita ao Vidigal e o tornaria nacional e internacionalmente conhecido. Nunca uma favela fora tão intensamente submetida à investigação jornalística. Durante anos, no entanto, a comunidade viveria receios e suplícios, assistindo, por exemplo, à guerra entre as facções criminosas que dominavam a área e a vizinha Rocinha. Em 2006, já cumulada de benefícios estruturais, ainda registraria quinze homicídios e centenas de outros episódios de violência.

A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) seria instalada em 2012, ano em que a favela já tinha cara de bairro. Mais de duzentos policiais passaram a percorrer as vielas e os caminhos sinuosos na construção de sossego público, a fim de mediar, nem que fosse pela força, um acordo derradeiro de conciliação.

O Vidigal tornou-se, enfim, a refavela, a síntese de

um processo de metamorfose construído no decorrer de décadas e que teve como protagonistas os próprios moradores, encantados, desde sempre, com a utopia do direito e da justiça. Em décadas de transformação, a comunidade trocou o papelão e o zinco por tijolo e concreto. Tocou o tempo todo a reforma, o aprimoramento, a ampliação, o refazer do espaço de morar e transitar.

A região do topo, conhecida como Arvrão, com visão privilegiada das praias do Leblon e de Ipanema, mantém viva no coração e na mente de todos a lembrança da época em que servia de base para o tráfico. Ali, porém, a mudança veloz silenciou o fuzil AR-15 e botou no lugar o alarido lúdico da criançada. Nos arredores, a casa em tinta fresca, o hotel, o bar e o restaurante ensaiam reproduzir o modelo de normalidade urbana do asfalto.

Ainda que ali perdurem graves problemas estruturais, como aqueles relacionados à coleta de lixo e ao escoamento do esgoto, um observador fundamentalista pode caracterizar o Vidigal atual como "não favela ou ex-favela". Segundo o Instituto Pereira Passos (IPP), o Vidigal tinha, em 2010, a mais alta renda domiciliar das favelas cariocas: 1.744 reais. Na Rocinha, essa média era de 1.291 reais.

Além disso, parte de seus caminhos sinuosos podem agora parecer carregados de luxos externos e costumes aburguesados. Há gente de fora aos montes, de turistas a ativistas, de músicos a arquitetos, de empresários a boas-vidas, excêntricos ou não. Se prospera a demanda

dos ingressantes, uma casa de um quarto, bem localizada, pode custar 200 mil reais, mesmo sem escritura definitiva.

O aglomerado de casas do Vidigal tomou forma no início dos anos 1940. Há, porém, registros de casebres na região, ao pé do Morro Dois Irmãos, desde os primeiros anos do século XX. Nesse longo tempo, a comunidade logrou valorizar o espírito de mudança, misturando o conflito ao acolhimento, teimosa em contrariar o major da Guarda Real de Polícia da Corte, Miguel Nunes Vidigal (1745-1843), antigo proprietário das terras, retratado pelos historiadores como perseguidor implacável dos candomblés e dos capoeiras, inimigo perverso das classes desprotegidas.

UM PAÍS CHAMADO FAVELA

"O livro, enfim, coloca todos nós, brasileiros, na mesma página da história. Como ferramenta de valor, ajuda-nos a construir um país mais legal para o morro e para o asfalto."

Luciano Huck

"O trabalho deste livro padroniza e ordena um conhecimento que estava espalhado pela memória das donas de casa, dos ativistas locais, dos rappers, dos sambistas, dos jovens que estão liderando a revolução na favela, construindo a nossa classe média."

MV BILL

"O livro de Celso Athayde e Renato Meirelles, por seu alcance, por sua originalidade, tornar-se-á uma referência incontornável. A obra inaugura um novo momento. Um tempo de maturidade, abertura, liberdade crítica, diversidade. A era em que não é mais preciso crachá e diploma para se fazer ouvir e para ajudar a escrever a história de nosso país."

Luiz Eduardo Soares

"Esta obra, por causa de sua abrangência e abordagem inovadora, ajuda a constituir protagonismos no âmbito de favelas e periferias urbanas. Lido pelo morro, ajuda-o a compreender-se, a ver suas limitações e a projetar seus avanços."

Preto Zezé

Visite-nos:
@EditoraGente
facebook.com/editoragentebr
www.editoragente.com.br

Negócios
ISBN 978-85-7312-939-7